

THIS IS SPINAL TAP / 1984

Um filme de Rob Reiner

Realização: Rob Reiner / **Argumento:** Christopher Guest, Michael McKean, Rob Reiner e Harry Shearer / **Direção de Fotografia:** Peter Smokler / **Design de Produção:** Bryan Jones / **Guarda-Roupa:** Renee Johnston / **Música:** Christopher Guest, Michael McKean, Rob Reiner e Harry Shearer / **Montagem:** Kent Beyda, Robert Leighton e Kim Secrist / **Interpretação:** Rob Reiner (Marty DiBergi), Michael McKean (David St. Hubbins), Christopher Guest (Nigel Tufnel), Harry Shearer (Derek Smalls), Tony Hendra (Ian Faith), R.J. Parnell (Mick Shrimpton), David Kaff (Viv Savage), Bruno Kirby (Tommy Pischedda), Ed Begley Jr. (John “Stumpy” Pepys), Fran Drescher (Bobbi Flekman), Patrick Macnee (Sir Denis Eaton-Hogg), Billy Crystal (Morty, o mimo), Howard Hesseman (Terry Ladd), June Chadwick (Jeanine Pettibone), Paul Shaffer (Artie Fufkin), Anjelica Huston (Polly Deutsch), etc.

Produção: Spinal Tap Productions / **Produtora:** Karen Murphy / **Cópia:** DCP, colorida, versão original falada em inglês, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 83 minutos / Inédito comercialmente em Portugal. Primeira exibição em Portugal, na Cinemateca, no dia 12 de Abril de 2000.

This is Spinal Tap, mais do que um filme, é um autêntico “happening”. Um momento de condensação de elementos extraídos de uma cultura que já não é “pop” mas liminarmente “trash”, só comparável, porventura (apesar de todas as diferenças), a esse monumento de bricolage com detritos culturais que é a versão cinematográfica de **The Rocky Horror Picture Show** - e aliás, como este filme, objecto de um culto relativamente fervoroso. Aconselha-se o espectador a suspender os seus critérios de juízo estético, pois em **Spinal Tap**, verdadeiramente para além de todo e bem e de todo o mal, o que conta é a imersão num universo onde tudo (*sobretudo* os critérios de juízo estético) foi posto de pernas para o ar.

Mas o que é, afinal, **This is Spinal Tap**? A resposta é simples, é uma grande paródia. A quê? Começa por ser uma paródia aos grupos de *hard-rock* e *heavy metal*, através de uma banda fictícia (os Spinal Tap, precisamente) que, como uma esponja, parece ter absorvido todos os clichés deste tipo de música e respectivo “life style”. A seguir, é uma paródia aos documentários sobre grupos rock (ao chamado “rockumentary”), cujos clichés são igualmente seguidos tintim por tintim (e a personagem do realizador Marty DiBergi, interpretada pelo próprio Rob Reiner, tem qualquer coisa a ver com Martin Scorsese, que uns anos antes dirigira **The Last Waltz**). Mas não é só isto: ao mergulharmos no mundo interior dos Spinal Tap, e ao reproduzir o mundo exterior tal

como eles o vêem, o filme de Reiner acaba por ir ampliando o seu grau de paródia, tocando sucessivamente toda a “cena” musical dita “popular”, toda a cultura do “entertainment” que em torno dela se constrói, e ainda, por extensão, toda a sociedade que a alimenta. Por tudo isto **This is Spinal Tap**, se tem algo que ver com o humor dos Monty Python (Eric Idle, que foi membro do grupo de cómicos britânico, concebeu um filme assente em propósitos semelhantes, sobre os Rutles, uma espécie de alter ego dos Beatles) e principalmente com o da escola do *Saturday Night Live*, é acima de tudo um antepassado da família de *Beavis & Butthead* (referência óbvia por causa dos “metaleiros”) e do humor subversivo de séries como *South Park* ou *Os Simpsons*. De resto, o círculo fecha-se: Harry Shearer, um dos responsáveis (actor e argumentista) pelo filme de Reiner, fez parte da equipa da série de Matt Groening, e este mesmo grupo de actores (Shearer, Guest, McKean e Hendra) deu voz aos soldadinhos de **Small Soldiers**, um dos melhores (e mais divertidos) filmes americanos dos últimos anos, realizado pelo grande Joe Dante, outro acérrimo cultor da arte do bricolage “trash” e da subversão dos gostos dominantes. E já que estabelecemos uma hipotética árvore genealógica para o filme de Reiner, acrescentemos que nem os Spinal Tap acabaram aqui: a banda não existia antes do filme, mas depois dele gravou mesmo alguns discos e deu alguns concertos.

Referida a (pequena) história de **This is Spinal Tap**, que mais se pode acrescentar acerca deste filme indescritível? Julgamos não estragar o prazer de nenhum espectador se enumerarmos alguns dos “gags”, situações e clichés que o esperam, garantindo que tudo aparece como se Reiner fosse o mais sério dos documentaristas; e assim: canções com letras de uma sexualidade primária e pueril (atenção àquela sobre “o rabo da minha namorada”); capas de discos recheadas de um arsenal sado-maso de pacotilha (*Smell the Glove*, chama-se o disco dos Spinal Tap...); demonismos de cartolina e caveiras de esferovite; bateristas que entram em combustão espontânea durante os concertos e outros que morrem asfixiados em vômito (“de outra pessoa”, acrescenta o colega); uma espécie de Yoko Ono que vem dividir o grupo e denunciar a homossexualidade latente dos dois membros principais; solos com duas guitarras, um violino, e a língua de fora; casulos de onde saiem os músicos em concerto mas onde, por problemas técnicos, um deles fica preso; um baile numa base da Força Aérea americana animado (?) pelos Spinal Tap; anões vestidos de verde saltitando em tomo de uma réplica ridícula de Stonehenge; um membro dos Spinal Tap definindo-se musicalmente “entre Mozart e Bach”, ou seja, “Mach”; etc, etc, etc. E, “last but not the least”, um pedaço de puro (e bom) burlesco: o momento em que os Spinal Tap se perdem nos bastidores labirínticos do teatro sem conseguirem chegar ao palco...

This is Spinal Tap é o mundo ao contrário, feito de mau gosto e “foleirice”. É por isso que é indescritível, e que vale a pena vê-lo, pelo menos uma vez.

Luís Miguel Oliveira